

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA UNIVERSIDADE E NAS ESCOLAS: O ESTÁGIO
COMO EXPERIÊNCIA DESTE PROCESSO.**

Joseane Karine Tobias, Giselle Cristina Gaudencio Vale

Eixo 1 - Formação inicial de professores para a educação básica
- Relato de Experiência - Apresentação Oral

O presente Relato de Experiência ocorreu no segundo semestre do ano de 2013 em uma escola pública do Estado de São Paulo. Era uma turma com 22 crianças de primeiro ano do Ensino Fundamental I. Nós, professora e estagiária, iniciamos o relato compartilhando as dificuldades iniciais que ambas enfrentamos pra estabelecer o contato e o trabalho de parceria. A estagiária relata sua dificuldade em encontrar uma escola que a permitisse fazer estágio. Já a professora da sala, conta sua dificuldade em aceitar essa aproximação, e a relação de sua recusa com a formação acadêmica apresentada pela estagiária. Num segundo momento, falamos sobre o modo que encontramos de desenvolver o trabalho em conjunto. Utilizamos enquanto dados das discussões, os seguintes registros: desenho das crianças, registro de algumas falas das crianças, Caderno de Registro da Estagiária (CRE) e Caderno de Registro da Professora (CRP). E, por fim, apresentamos os resultados da parceria entre a formação docente inicial e a formação docente continuada. Resultados esses obtidos, em forma de projetos temáticos, dentre os quais: aula-passeio, contação de história, experiências científicas, confecção de álbum das experiências, piquenique na escola, etc. Discutimos também sobre as aprendizagens ocorridas em relação a nossa formação profissional e as reflexões que as falas e desenhos das crianças permitiram-nos fazer sobre essa parceria entre professora e estagiária. Palavras-chave: estágio docente, trabalho em parceria e formação.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA UNIVERSIDADE E NAS ESCOLAS: O ESTÁGIO COMO EXPERIÊNCIA DESTE PROCESSO.

Joseane Karine Tobias. UNESP/ Rio Claro

Giselle Cristina Gaudencio Vale. UNICAMP

O relato de experiência a seguir será apresentado no mesmo modelo do qual foi vivenciado, ou seja, em constante diálogo de ideias, acontecimentos e sensações entre duas pedagogas em contínua formação (pois acreditamos que se trata de um processo que não se finda com a obtenção do diploma). Uma na função de professora e, a outra, na função de estagiária. Para diferenciar as falas de cada uma, utilizaremos a expressão: “Fala de Uma ...” pra referenciar o relato da Professora Joseane. E a expressão: “Fala da Outra...” pra referenciar o relato da Estagiária Giselle.

Fala de Uma...

É super emocionante a primeira vez (...). A professora grita bastante e parece que não quer minha ajuda, pois me deixou socada no canto só observando. (...) Ela é muito rígida com as crianças, sempre gritando se algo está errado. (...) Uma das crianças não havia feito a lição de casa e ela brigou dizendo que ia mandar bilhetinho para a mãe. Outro menino tinha esquecido de fazer a lição, então ela disse: “Você esqueceu o ano passado inteiro de fazer a lição e é por isso que você nunca aprende nada”. Ela não demonstra nenhum afeto pelas crianças, sempre se dirige a elas brava e irritada. Parece que, para ela, dar aula é um castigo para pagar todos os seus pecados.

(CREP, 2000)

Foi com essa visão do trabalho docente que iniciei meu processo formativo ao decorrer de minhas observações enquanto estagiária. Encontrava-me no terceiro ano do CEFAM (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério), na minha primeira experiência como estagiária. Minha visão em relação ao professor sempre estava voltada ao que este deixava de fazer, as suas patologias e ineficiências (ROCKWELL; EZPELETA 2007).

Lembro-me que por várias vezes ao presenciar situações de sala de aula que me incomodavam; que a professora, em minha visão, estava se alterando

com as crianças, fazia questão de olhá-la fixamente do fundo da sala, e fingia que eu estava anotando o ocorrido em meu diário de campo. Acreditava que dessa forma eu estava protegendo as crianças de sua professora. Mal sabia eu que, na verdade, essa minha postura só fazia aumentar a distância entre o que eu acreditava enquanto estagiária, daquilo que existia na escola.

Eis então que hoje sou professora. Há oito anos leciono no ensino público na cidade de Campinas. Todas as críticas, julgamentos severos e rígidos que, na posição de estagiária fiz em relação aos professores, hoje se voltaram contra mim. As práticas consideradas “tradicionais” das quais me enchia de orgulho por questioná-las e que outrora eu, enquanto estagiária, fazia rigorosas críticas, adentraram em vários momentos, com meu consentimento enquanto professora, na sala de aula. Esse foi o principal embate que enfrentei ao longo de meu processo formativo, uma lacuna entre a formação acadêmica e a formação escolar. Lacuna essa que só fui compreender a partir do momento que me vi enquanto professora que também produz saberes que são construídos a partir da realidade escolar e não sendo apenas uma mera transmissora de conhecimentos advindos da universidade, dos moldes legais ou dos programas curriculares.

(...) para compreender a natureza do ensino, é absolutamente necessário levar em conta a subjetividade dos atores em atividade, isto é, a subjetividade dos próprios professores. Ora, um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta. Nessa perspectiva, toda pesquisa sobre o ensino tem, por conseguinte, o dever de registrar o ponto de vista dos professores, ou seja, sua subjetividade de atores em ação, assim como os conhecimentos e o saber-fazer por eles mobilizados na ação cotidiana. De modo mais radical, isso quer dizer também que a pesquisa sobre o ensino deve se basear num diálogo fecundo com os professores, considerados não como objetos de pesquisa, mas como sujeitos competentes que detêm saberes específicos ao seu trabalho. (TARDIF, 2010, p.230).

Essa subjetividade, esse registro do ponto de vista docente apontado por Tardif (2010) foram aspectos que faltaram em minha vivência como estagiária. Ao contrário, o recurso do registro fora por vezes utilizado pra distanciar a professora da possibilidade de diálogo, de concebê-la enquanto possuidora de saberes próprios de sua profissão. Claro que não se trata aqui

de defender ou condenar práticas e situações de ensino escolares, mas de sair da visão limitada que uma determinada observação, um recorte da realidade, pode ocasionar.

Fala da Outra...

Minha busca por uma escola para fazer estágio foi bem conturbada, toda vez que me apresentava como estudante da Unicamp, as portas se fechavam. Foram treze escolas visitadas e doze negativas como respostas. As justificativas apresentadas pelas instituições para a não aceitação do estagiário foram as seguintes:

Quantidade de escolas visitadas	Justificativas apresentadas
1	Não aceita estagiário da Unicamp, por apresentar um perfil muito crítico e uma teoria desvinculada da prática.
2	Quadro completo de estagiários.
7	Dificuldade em fazer a avaliação do aluno pelo sistema eletrônico da Unicamp.
2	Não aceita estagiário.

Estes resultados me levaram a questionamentos sobre a responsabilidade docente com a formação de professores. Quais eram os medos e expectativas dos profissionais atuantes na educação. Quem são eles? Será que acreditam no trabalho do professor reflexivo? Existe abertura pessoal para novas aprendizagens e compartilhamento de saberes?

Fala de Uma...

No ano de 2013, iniciando o segundo semestre, no momento em que estávamos fazendo a Roda de Conversa (FERREIRA, 2003) com a turma do primeiro ano, recebo a visita da coordenadora acompanhada por outras duas garotas. Uma delas se apresenta rapidamente perguntando se poderia fazer estágio na nossa turma. Reportei-me a minha postura nada agradável quando eu era estagiária e me vi, agora, na posição inversa. Seria eu a observada, o meu trabalho é que estaria sendo analisado. Durante minha trajetória profissional, eu já tinha recebido outras estagiárias, mas em condições diferentes, pois ficavam diariamente na sala e eram contratadas pra auxiliar no trabalho docente. E diante dela, me senti como a personagem Chapeuzinho amarelo de Chico Buarque:

E Chapeuzinho Amarelo, de tanto pensar no LOBO, de tanto sonhar com LOBO, de tanto esperar o LOBO, um dia topou com ele que era assim:

Carão de LOBO

Olhão de LOBO

Jeitão de LOBO

E principalmente um bocão tão grande que era capaz de comer duas avós, um caçador, rei, princesa, sete panelas de arroz, e um chapéu de sobremesa. (BUARQUE, 2011, p.10)

Mas, a garota da qual estou falando, assim que eu a vi, metaforizando Chico Buarque (2011) era mais ou menos assim: ela tinha uns olhos de Unicamp, jeitão de Unicamp, carão de Unicamp e uma boca capaz destruir meu trabalho docente falando sobre todos os teóricos da Educação no mesmo dia!

Percebendo minha indecisão, insistiu dizendo sobre sua dificuldade de conseguir alguma professora que a aceitasse como estagiária. Nisso, nossa Roda da Conversa já estava virando a Roda da Bagunça. Poucos segundos eu tinha pra pensar sobre sua inesperada proposta antes que nossa Roda da Bagunça virasse a Roda dos Machucados. Então fiz a pergunta que tanto temia a resposta. Eis que realmente ela confirmou minhas suspeitas dizendo que era da Unicamp, mas logo já me tranquilizou dizendo que também era professora. Furneci meu contato pedindo pra me procurar pra conversarmos melhor antes de iniciar o estágio. Consultei as crianças após sua saída na expectativa, quem sabe, delas recusarem. Mas, obviamente, a aceitação foi imediata.

Do minuto em que saiu da sala até os dias que sucederam nossa próxima conversa, foi difícil aceitar essa situação. Claro que eu tinha total liberdade para recusar. Mas eu também já tinha sido estagiária e sabia das dificuldades do início de nossa profissão. E, justamente por ter sido estagiária, sabia mais ou menos o olhar ao qual meu trabalho estaria sujeito.

Ao mesmo tempo, outras indagações me transcorriam: Quais estratégias eu poderia usar pra que seu olhar perante a escola fosse diferente? Qual seria minha função no seu processo formativo? Que orientações seriam importantes eu fornecer antes de sua entrada na sala? Quais estratégias utilizar na sala para que sua presença fizesse sentindo nos trabalhos e projetos que estavam sendo desenvolvidos?

Embasada experiencialmente por minha trajetória profissional (pois considero a experiência um instrumento formativo) e também embasada teoricamente por autores que permitiram um olhar diferenciado no modo de se conceber nossa própria formação docente, tais como: saberes docentes (TARDIF, 2000, 2003; GAUTHIER, 1998); autoridade e autoritarismo (NOBLIT, 1995); trabalho coletivo (CHALUH, 2009; VARANI, 2005); diálogo entre os professores (MARQUEZ, 1999); a parceria escola e Universidade (PIMENTA, 2003; TARDIF 2010); perspectivas metodológicas (ANDRE, 1995; ZAMBONI e GUZMÃO, 2007) e o professor reflexivo (PEREZ GOMES 1995; SCHÖN, 1995) é que decidi receber a Giselle não apenas com uma frase de boas vindas, afinal, ela faria parte da nossa turma.

As crianças e eu criamos uma expectativa sobre sua presença na escola. Minha responsabilidade sobre a situação duplicaria. Não queria passar pela severidade de críticas e julgamentos de valores da qual, eu enquanto estagiária, fizera outra professora passar. E também tinha receios sobre um olhar mais resistente ao universo escolar advindo supostamente da Giselle, ocasionar em um futuro distanciamento da escola em sua vida. Ou ainda, esse modo de conceber o cotidiano escolar se voltar contra sua própria prática enquanto professora.

Após várias reflexões e receios resolvi recebê-la e quando fiz as recomendações a ela sobre minhas expectativas, sua resposta foi um simples: “ah, tá, de boa”. Se ela soubesse o tempo que demorei pra aceitá-la e pra elaborar essas orientações, e a dificuldade que foi pronunciar essas

palavras, talvez ela tivesse se esforçado um pouquinho mais em sua resposta.

Fala da Outra...

“Hoje é seu primeiro dia de estágio e gostaria de te pedir uma coisa: Tente ver a escola pelo o que ela tem de bom, não fique focada só nos aspectos negativos e acima de tudo ajude as crianças.”

Essas foram as recomendações que a professora Joseane me fez, enquanto caminhávamos pelo corredor da escola em direção à sala de aula.

(CRE, 2013).

Fala de Uma...

Logo na primeira roda de conversa que Giselle participou, no modo em que respondia as perguntas das crianças, na maneira que as tratava, na forma que me ajudava nos momentos que precisava de maior atenção, enfim, no próprio movimento que ia seguindo o dia com sua presença, já foram me fornecendo pistas de como seria nossa relação e das oportunidades que teríamos de realmente trabalharmos juntas.

Dois projetos já estavam em andamento. Um referente à proposta curricular denominado: Jogo do Faz de Conta, a respeito de uma brincadeira de mercadinho pra ajudar na alfabetização com identificação de rótulos de produtos. O segundo projeto foi escolhido pelas crianças sobre o Corpo Humano.

Por conta da grande exigência para cumprir naquele bimestre todas as etapas do projeto Faz de Conta, o projeto do Corpo Humano (que, aliás, era muito mais significativo, pois partiu da escolha das crianças) estava ficando a desejar, com pouco tempo pra trabalhar com eles a respeito do que queriam saber desse tema. Nesse sentido, a presença da Giselle foi fundamental, possibilitando novas ideias e experimentos que enriqueceram nossos projetos.

Hoje percebo que algumas práticas que desenvolvemos não teriam condições de serem realizadas se não fosse a presença de outra pessoa na sala, outro olhar para a realidade escolar. Segue algumas atividades

desenvolvidas com a presença da estagiária: aula – passeio no mercado do bairro; piquenique na escola; experimentos; confecção coletiva de um álbum com finalidade de registro escrito; produção coletiva de um cérebro de argila objetivando a explicação oral pelas crianças do funcionamento desse órgão e Contação de Histórias com a Vovó Denise foram os principais acontecimentos que identifico terem sido concretizados devido ao sistema de parceria que construímos.

Fala da Outra...

À medida que o tempo foi passando o diálogo entre estagiária e docente foi se estreitando e acabamos por descobrir que essa parceria estava interferindo de maneira positiva no trabalho com as crianças. Meu Professor Orientador do Estágio da UNICAMP, sugeriu que fizéssemos uma intervenção prática na escola, e para isso precisaríamos elaborar um Projeto de acordo com cada turma. Quando cheguei na sala da professora Joseane e vi cartazes com dúvidas e desenhos das crianças, fiquei pensando na possibilidade de compartilhar conhecimentos com a turma que fizessem sentido para todos nós. Então propus a professora um trabalho sobre o Corpo Humano, que foi aceito por ela de imediato.

As atividades eram, cada dia, mais prazerosas por que houve um momento em que não havia mais distinção quando era uma proposta minha ou da professora. As crianças solicitavam nossa ajuda e compartilhavam suas ideias, era visível o quanto aquele processo de parceria entre estagiária-aluno-professora fazia sentido para aquela turma.

Fala de Uma...

Claro que, todo esse movimento, preocupações, reflexões e muito trabalho não faria sentido se não tivesse enquanto objetivo final as crianças. Era pra elas, pra ajudar no seu desenvolvimento que eu e Giselle sentávamos pra conversar, pra juntas pensarmos, elaborar os próximos passos, improvisar quando necessário, e aproximar a Universidade da Escola. Já que sua figura representava pra mim, a todo o momento, os discursos pedagógicos que aprendi em minha formação. E minha figura representava pra ela a possibilidade de concretização desses discursos.

A nosso ver, um dos maiores problemas da pesquisa em ciências da educação é o de abordar o estudo do ensino de um ponto de vista normativo, o que significa dizer que os pesquisadores se interessam muito mais pelo que os professores deveriam ser, fazer e saber do que pelo que eles são, fazem e sabem realmente. (...) A legitimidade da contribuição das ciências da educação para a compreensão do ensino não poderá ser garantida enquanto os pesquisadores construírem discursos longe dos atores e dos fenômenos de campo que eles afirmam representar ou compreender. (TARDIF, p. 12, 2000).

Mas, como já dito anteriormente, não de uma forma linear e hierárquica, onde as instituições acadêmicas são vistas como produtoras de conhecimentos e a escola enquanto mera reprodutora desses mesmos conhecimentos. Não! Eu sabia de todas as ineficiências que meu trabalho tinha, do que poderia ser diferente. Mas também tinha noção que produzíamos conhecimentos em consonância do que aquele contexto, naquela comunidade nos permitia fazer pelas crianças. E a Giselle, enquanto uma figura que representava o meio científico, superou minhas expectativas a medida que aceitou esse contexto, e trabalhou partindo dessas condições, daquilo que já existia naquela escola e do que fazia parte da minha realidade enquanto professora daquele determinado grupo de crianças.

Crianças das quais, também fizeram e fazem parte desse nosso processo formativo. E que, inclusive, foram fundamentais em todo esse desenrolar de situações de aprendizagens que a presença da estagiária na sala promoveu.

Com a finalidade de ter um feedback mais conciso sobre o que representou essa experiência para as crianças, em um dia que a Giselle estava ausente, conversei individualmente perguntando para eles se achavam que era diferente o dia com a presença da estagiária dos demais dias, ou se era a mesma coisa. Quando respondiam que era diferente, questionava-os novamente sobre o que achavam que era diferente.

Além dessa conversa, solicitei que dividissem uma folha ao meio, desenhando primeiro como era nossa sala quando eu estava sozinha com eles e, na outra metade, que desenhassem nossa sala quando a Giselle estava junto conosco. Em conversa com a Giselle, identificamos ser importante ter esse retorno das crianças pra avaliação e reflexão de nosso trabalho com eles. Segue abaixo algumas dessas falas anotadas no caderno de registro da professora: .

- Com você e com a Giselle é mais legal porque você pode fazer uma história com uma turma e a Giselle com outra. Aí uma faz surpresa pra outra (Sophia – 7 anos).
- As duas são legais, porque você não tem tempo pra fazer um monte de trabalho e ela te ajuda aí fica mais legal. (Paulo – 7 anos).
- A Giselle fica fazendo junto com você, te ajudando, igual uma ajudante sua. (Lúcio – 7 anos).
- Eu desenhei a voz da Giselle indo pra você e a sua voz indo pra Giselle (Talita – 8 anos).
- É legal vocês duas, porque vocês são as melhores amigas. Porque é mais legal e divertido e eu gosto quando vocês estão juntas. (Carol – 6 anos)
- Com a Giselle nós não faz bagunça e com você faz mais bagunça. Eu gosto com a Giselle porque ela ajuda você e você também ajuda nós a fazer lição. (João – 6 anos).
- O dia que a Giselle vêm a gente faz apresentação. (Ellen- 6 anos).
- Vocês fazem coisas mais legais e importantes. E a gente faz mais coisas do Corpo Humano. Quando é uma só fica mais corrido pra fazer tudo de uma vez só. (Sophia – 7 anos).

(CRP, 2013)

Os nomes são fictícios pra preservar a identidade das crianças.

Percebemos tanto nas falas, quanto nos desenhos das crianças que sempre referenciavam-nos juntas, agregando toda a turma. Mesmo quando me representavam, nos desenhos em que eu estava sozinha, o olhar sobre minha prática não era que: eu deixava de fazer o que fazíamos na presença da Giselle por não querer ou por não gostar, mas por dificuldades do cotidiano, falta de tempo, atenção para todas as crianças, etc.

Fala da outra...

Uma das questões mais reveladoras foi o olhar das crianças sobre a sala de aula antes da minha presença. Nos desenhos que a professora está sozinha, aparece ela sempre ocupada com apenas um dos alunos, que demanda

maior atenção e influencia muito na rotina da sala. E quando eu estava junto com a turma, os depoimentos e desenhos dos alunos remetem a professora interagindo mais com a turma toda.

Devido a dificuldade em conseguir uma escola que me recebesse, demorei a iniciar o estágio. Quando a Joseane propôs que fizéssemos uma avaliação com as crianças sobre nossa parceria, confesso que fiquei admirada com a atitude dela. Sou professora de educação infantil há doze anos e também vejo nas crianças uma das melhores formas do professor se autoavaliar. Mas, para isso, é preciso ter coragem. Por que as críticas vão aparecer. É necessário administrá-las para favorecer o trabalho pedagógico e acima de tudo transformar o olhar através da reflexão para não tratar com desdém o aluno que expressou a sua opinião e que foi contrária as expectativas do professor.

Fala de Uma...

O processo de parceria com a estagiária Giselle foi de grandes aprendizagens pessoais e profissionais. Á nível pessoal me ajudou a mudar o olhar em relação as nossas instituições de formação acadêmica. No âmbito profissional fez reviver várias questões fundamentais, mas que a própria rotina escolar acaba por não priorizar, tais como: trabalho em parceria, desenvolvimento de Projetos extracurriculares e autoavaliação crítica-construtiva do professor.

Fala da Outra...

Vejo o estágio como fundamental importância na formação do professor, porém as orientações de como desenvolvê-lo e sistematizá-lo precisam ser feitas de maneira processual, onde nós, professores em formação, sejamos orientados. É preciso que haja um espaço onde possamos compartilhar experiências com outros estagiários, em outros contextos. Pois, penso que é através do outro que nos percebemos. Nesse sentido, aprendi muito com essa vivência, com o Professor Orientador do Estágio e com a professora Joseane. Ambos dialogando comigo sobre minha prática e compartilhando saberes científicos e práticos que me possibilitaram expandir o olhar sobre meu fazer docente.

Referências Bibliográficas

CHALUH, Laura Noemi. Grupo e trabalho coletivo na escola: trocando olhares, mudando práticas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.25, n.1, abr.2009.

_____. Práticas de escrita no processo da pesquisa: potencialidades formativas. **ETD – Educ. temat. digit.** Campinas/ SP, v.15, n.2 p.33-47, jan./abr. 2013. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/etd>. Acesso em 9 de junho de 2013.

FERREIRA, Gláucia de Melo (org.). **Palavra de Professor(a):** tateios e reflexões na prática da Pedagogia Freinet. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria da pedagogia:** pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Trad. Francisco Pereira. Ijuí: UNIJUÍ, 1998. p. 457. (Coleção fronteiras da educação).

MARQUEZ, Mario Osório. **Professores falantes de si na sala de aula, na escola e na constituição da Pedagogia.** Espaços da escola. Unijuí, ano 4, n.31, pp. 15-24, jan/mar. 1999.

NOBLIT, George. **Poder e desvelo na sala de aula.** (Tradução de Belmira O. Bueno). Revista da Faculdade de Educação, v. 21, nº 2, jul./dez.,1995. p.121-137.

PEREZ GOMES, Angel, O pensamento prático do professor – A formação do professor como profissional reflexivo. IN: NOVOA, António (org.) **Os professores e sua formação.** Portugal: Dom Quixote, 1995

PIMENTA, Selma Garrido; GARRIDO, Elsa; MOURA, Manoel O. **Pesquisa Colaborativa na escola facilitando o desenvolvimento profissional de professores.** Disponível: <<http://www.anped.org.br/24/ts.htm>>. Acesso: set. 2003.

ROCKWELL, Elsie; EZPELETA, Justa. A escola: relato de um processo inacabado de construção. **Currículo sem fronteiras.** México, v. 7, n. 2, pp. 131-147, jul./dez. 2007.

SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. IN: NOVOA, António (org.) **Os professores e sua formação**. Portugal: Dom Quixote, 1995.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2003, 2010.

VARANI, Adriana. **Da constituição do trabalho docente coletivo: re-existência docente na descontinuidade das políticas educacionais**. 2005. v 1. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ZAMBONI, Ernesta; GUSMÃO, Neusa. **Memórias de futebol: a antropologia e a história na formação do pesquisador**, 2007. Disponível:

<<http://www.google.com.br/search?hl=ptBR&source=hp&q=ZAMBONI+GUZM%C3%83O+GOL&btnG=Pesquisa+Google&meta=&aq=f&oq=>>. Acesso:

maio, 2007.